

**A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA E AS RELAÇÕES DE CLASSE NO
TEATRO DE ARIANO SUASSUNA**

Vitória Regina Gama Santos¹

Em 1961, poucos anos depois do sucesso de *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna publicou um de seus trabalhos favoritos, a peça teatral *A Farsa da Boa Preguiça*. Para aqueles que conhecem o *Auto da Compadecida*, seja através do livro, peça ou filme, já são de conhecimento as críticas do autor em relação às desigualdades sociais, à exploração do trabalhador rural, às hierarquias sociais injustas e à hipocrisia burguesa. Essa característica de Ariano é bem representada na obra publicada em 1961 através de dois casais de classes sociais opostas.

Joaquim Simão é um poeta popular, pobre, com fama de preguiçoso e casado com Nevinha, uma mulher trabalhadora, leal, que ama o marido e o apoia como artista. Simão é visto como preguiçoso por se recusar a viver apenas em função de um trabalho em que a remuneração permite apenas a sua sobrevivência. O poeta não vê a sua identidade ligada à profissão que precisa exercer para pagar suas contas, ele compreende que o trabalho é uma atividade que lhe permite sobreviver. Ele entende, porém, que sua identidade está ligada à arte que exerce, durante a peça é possível ver Simão em momentos de ócio criativo e, são nesses momentos de ócio que ele é julgado. Uma vez que para a lógica capitalista uma pessoa pobre tem o direito apenas de trabalhar, a frase contemporânea de autor desconhecido *Trabalhe enquanto eles dormem* retrata isto. O movimento de Simão de se recusar a viver apenas em favor do capitalismo, vai ao encontro com a visão marxista, de que a superação do capitalismo levaria exatamente ao que o personagem tenta reproduzir: a redução da jornada de trabalho para que o ser humano pudesse dedicar-se ao desenvolvimento livre e criativo (o reino da liberdade).

¹ Aluna do 1o Técnico em Teatro Subsequente – Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob orientação da professora Eliana Maria dos Santos.

Enquanto há Simão lutando pelo seu ócio criador, a preguiça divina que permite que ideias e inspirações surjam. Temos a personagem Clarabela, esposa do burguês capitalista Aderaldo Catacão. Clarabela representa a "preguiça do Diabo" (SUASSUNA, 1961). Suassuna a descreve como parte da burguesia cosmopolita que não produz nada de útil, mas tem tempo para frequentar crônicas sociais, manter salões e discutir falsos problemas intelectuais, tudo sustentado pela exploração que o marido exerce sobre o povo. A socialite não é vista como preguiçosa e não recebe julgamentos por não trabalhar e ter momentos de ócio, sua classe social lhe dá direito à preguiça. Tal contradição permite o questionamento: quando exatamente o ócio deixou de ser um direito humano e virou um privilégio de classe?

Por outro lado, o marido de Clarabela, Aderaldo Catacão, personifica a própria engrenagem da burguesia capitalista e a mercantilização da vida. Na lógica marxista, o sistema capitalista tende a transformar todas as relações humanas em mercadoria. Aderaldo expressa essa visão de mundo de forma literal ao afirmar que, com dinheiro, "pode-se comprar a terra, o ar, a água, o fogo, toda a natureza!" (SUASSUNA, 2012). Movido por essa crença, ele tenta usar seu poder econômico para comprar o afeto de Nevinha, convicto de que a miséria inevitavelmente a forçará a se vender. Além disso, a peça desmascara a falácia burguesa da meritocracia através da fala de São Pedro:

Pode haver safadeza no trabalho, e na preguiça pode haver criação! Agora, existe um costume dos ricos endemoninhados: como trabalham, se sentem no resto justificados. Pagam mal aos operários, oprimem os camponeses, acusam quem defende os pobres de ser do Mal instrumento, sopram dureza e maldade nos atos e pensamentos, dão-se à Avareza, à Luxúria, comem Fogo, bebem Ventos! (SUASSUNA, 2012)

Através desse contraste entre os casais, Suassuna expõe o que ele chamava de "dois Brasis" (SUASSUNA, 2012). De um lado, o Brasil do povo trabalhador, preso entre duas cruzes: a do trabalho intenso, mal pago e explorado, e a do desemprego forçado, que rouba até o direito de descansar. Do outro, o Brasil da burguesia que explora, acumula e desfruta sem culpa. E aqui está a verdade incômoda que a peça revela: o rótulo de "preguiçoso" dado a Simão não é uma crítica sincera — é uma ferramenta de controle. Culpabilizar o pobre por querer descansar o mantém dócil, produtivo,

eternamente assustado de perder o pouco que tem. Mas é exatamente contra isso que Simão resiste. Sua "boa preguiça" não é apatia, é um ato de recusa. E nessa recusa, ele se aproxima do que Marx enxergava como verdadeira emancipação: a libertação do tempo para que o ser humano pudesse finalmente criar, pensar e viver plenamente — não apenas sobreviver para enriquecer outros.

REFERÊNCIAS

SUASSUNA, Ariano. A Farsa da Boa Preguiça. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.